

A PERSPECTIVA DIALÓGICA NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM LEITURA DE CHARGES

Maria Anunciada Nery Rodrigues de Paula¹

RESUMO

Este trabalho abordará a leitura e suas relações com a construção de conhecimento, analisando a imbricação do visual e do verbal em charges selecionadas do jornal *Folha de S. Paulo*, objetivando contribuir com o ensino de leitura como prática social. Quanto à concepção de linguagem, adotamos a perspectiva dialógica, representada por Bakhtin e seu Círculo, que considera a linguagem como um processo interativo, social, histórico e dialógico. Como resultado, constatamos a viabilidade e a importância de se utilizar a charge como subsídio para o ensino de leitura, uma vez que possibilita o aluno adentrar em outros universos, conhecer outros discursos, discutir sua realidade e ter novas maneiras de expressar sua opinião.

Palavras-chave: charge, leitura, dialogismo.

Introdução

Vivemos rodeados de informações que circulam por diversos meios e por diversos gêneros discursivos, em tempo real, viabilizadas pela informatização e pelos meios multimídias de circulação, além dos convencionais.

Um elevado número de pesquisas foi e continua sendo realizado sobre os gêneros do discurso, visando tanto à descrição de gêneros como também a sugestões didáticas para sua abordagem em sala de aula. Essa postura visa atender à proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de fundamentar o ensino da língua materna nos gêneros do discurso, sejam eles orais ou escritos. Isso nos leva a crer que os alunos serão os maiores beneficiados, pois estudarão na sala de aula gêneros discursivos com que lidam no seu cotidiano.

Tendo em vista que as atividades de leitura devem permitir ao aluno ampliar e desenvolver sua capacidade discursiva, que está intimamente ligada à sua formação social, e consequentemente ao uso social da linguagem, torna-se relevante a utilização

¹ Doutora em Linguística pela UFPB; professora do Instituto Federal do Tocantins – IFTO.
E-mail: anrpaula@yahoo.com.br

dos diversos gêneros na construção dessa capacidade. A formação de leitores críticos pode ser aprimorada a partir do desenvolvimento de diferentes níveis de leitura de gêneros discursivos que compõem sua realidade, contribuindo para a construção de seu conhecimento.

Os gêneros da mídia têm sido estudados amplamente com o objetivo de formar leitores críticos e produtores dos diversos textos que circulam na sociedade. Dentre esses gêneros, temos a charge, um gênero de caráter opinativo que se utiliza da linguagem verbal e não-verbal, que se insere na esfera de circulação dos textos jornalísticos, e que recupera notícias veiculadas no momento de sua criação.

A escola não tem explorado como deveria os textos não-verbais, dando mais prioridade à leitura do verbal. No entanto o desenvolvimento de leitura de textos não-verbais e/ou verbais e não-verbais pode se tornar um importante estímulo para uma prática de leitura crítica. Nesse caso, o texto chárgeo é um excelente material didático, uma vez que usa a arte para criticar, denunciar, chamar a atenção para fatos do dia-a-dia, através da intertextualidade, humor, ironia e de seu caráter polifônico, concebendo-se, então, o texto como um cruzamento de vozes oriundas de práticas de linguagem socialmente diversificadas.

Diante do exposto, este trabalho abordará a leitura e suas relações com os processos de construção de conhecimento, analisando o diálogo do visual e do verbal em charges, objetivando contribuir com o ensino da leitura como prática social. Quanto à concepção de linguagem, adotaremos a perspectiva dialógica, representada por Bakhtin e seu Círculo, que considera a linguagem como um processo interativo, social, histórico e dialógico.

A concepção dialógica de linguagem

Na perspectiva bakhtiniana, a linguagem possui um caráter eminentemente social, tendo como conceito norteador o dialogismo: princípio constitutivo da linguagem e a condição para o sentido do discurso. Essa perspectiva amplia o conceito de língua para além da estrutura, focalizando o discurso no seu contexto sócio-histórico.

O autor propõe então que se pense a interação verbal como a realidade da linguagem, pois esta permeia toda a vida social e se atualiza na enunciação dialógica, cujo sentido é plural e polissêmico no processo comunicativo entre indivíduos socialmente

organizados. É o meio social o centro organizador de toda enunciação, de toda expressão. Assim, de maneira bastante concisa, interação para Bakhtin/Volochínov é o meio de constituição do indivíduo como um sujeito social pleno, o que inclui o “sujeito discursivo”.

Do ponto de vista discursivo, não há enunciado desprovido da dimensão dialógica, visto que ele se constrói por meio do diálogo entre sujeitos falantes (dialogismo) e através do diálogo com outros discursos (intertextualidade). Todo discurso é fundamentalmente dialógico. Por isso, os sentidos são produzidos nas relações dialógicas, na mesma medida em que sujeitos se constituem como sujeito *do* e *no* discurso.

A partir da concepção dialógica, as teorias linguísticas tomaram outros rumos e, nos últimos anos, o sociointeracionismo tornou-se um dos paradigmas extremamente profícios na linguística. Ao fundamentar a língua numa perspectiva social, em que o indivíduo é visto como um ser concreto, social, produto de múltiplas influências e sujeito das transformações sociais, percebemos a linguagem como construção social, variando em função das relações sociais em que o sujeito está inserido. Esse paradigma permite uma nova compreensão da leitura como interação e/ou como interpretação.

Concepção sociointeracionista de leitura

Através da visão de linguagem, como um processo dialógico que se realiza na interação entre sujeitos socialmente situados, chega-se à leitura como co-produção de sentidos. A leitura deixa de ter como foco apenas um ou outro elemento, seja o texto ou o leitor ou o autor, para ser tomada dentro de uma relação dialógica, de co-produção em que estão inseridos o leitor, o autor e como objeto o texto a ser lido. Essa concepção constrói o leitor como um participante ativo do processo da leitura, pressupondo uma inter-relação entre autor-leitor-texto e conhecimentos prévios, processo pelo qual ele tem condições de criticar, criar, reescrever e produzir outro texto.

Segundo Kleiman (1998), para a compreensão de um texto, tem relevância o conhecimento prévio do leitor. É através da interação dos níveis de conhecimento (o linguístico, o textual e a experiência de mundo) que o leitor vai construindo o significado do texto. Dessa forma, a leitura não mais é vista como simples decodificação de sinais, mas “se processando na interação autor-leitor-texto” (KATO, 1985), fazendo com que a visão de mundo do leitor seja modificada.

O texto passa assim a exercer uma mediação entre sujeitos, tendo, pois, a incumbência de estabelecer relações plurais entre leitores reais ou virtuais, que são plurais também, visto que o ato de ler só se dá efetivamente entre “um leitor virtual que é constituído no próprio ato da escrita” e um leitor real, na medida em que esse leitor imaginário, criado pelo autor, “dialoga com esse leitor real”, com esse “leitor que lê o texto e dele se apropria” (ROCCO, 1994, p. 39).

Travaglia (1997) argumenta que, se a comunicação ocorre sempre por meio de textos, então é papel da escola desenvolver a capacidade de compreender e produzir textos nas mais diversas situações de comunicação. Formar um leitor competente é formar um leitor que seja capaz de compreender o que lê: que possa ler inclusive o que não está escrito, que seja capaz de identificar elementos implícitos; que consiga estabelecer relações entre o texto que lê e outros textos já lidos.

O texto na perspectiva sociointeracional não traz todos os significados; é o leitor quem vai construí-los na medida em que a interação com o mesmo ocorre. De acordo com Brággio (1992) “a leitura torna-se vista como um ato construtivo, no qual todos os leitores elaboram sobre as ideias selecionadas de um texto, construindo um significado para ele. Portanto, a construção do significado é concebida como um produto da interação entre o leitor e o texto” (BRÁGGIO, 1992, p. 43).

A concepção de linguagem, no sentido que estamos adotando, está intimamente ligada a essa compreensão de diálogo, na medida em que considera a historicidade, os sujeitos, o social, ou seja, considera a linguagem como atividade. Nesse sentido, esta forma de conceber a linguagem é importante para nosso estudo, uma vez que consideramos que as charges são sempre orientadas para alguém, além do que todo enunciado, no dizer de Bakhtin, é passível de ser atribuído sentido ao mesmo tempo em que é carregado de valores, elementos centrais, na construção da ideologia.

O gênero discursivo charge

O termo *charge* é francês, proveniente de *charger*, carregar, exagerar e até mesmo atacar violentamente (uma carga de cavalaria). Este tipo de texto tem caráter temporal, pois trata do fato do dia. Dentro da terminologia do desenho de humor pode-se destacar, além da charge, o cartum e a caricatura.

Segundo os autores do Dicionário de Comunicação, Rabaça e Barbosa (1978, p. 89), a charge é um tipo de cartum cujo objetivo é a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política. Segundo os autores, uma boa charge deve procurar um assunto atual e ir direto onde estão centradas a atenção e o interesse do público leitor.

A charge é um gênero discursivo, que se insere na esfera de circulação dos textos jornalísticos, produzida com a função de expor uma opinião crítica com base humorística, e que recupera notícias veiculadas no momento de sua criação. É normalmente publicada no caderno de opinião em meio a cartas argumentativas, editoriais, artigos de opinião, entre outros. Em sua construção, é necessário ter detalhes que forneçam dados suficientes para a compreensão do leitor, tais como a caracterização do ambiente e as marcas simbolizando o tema tratado.

De acordo com Cavalcanti (2008), a charge impressa, de modo geral, é ilustrada em apenas um quadro, sendo pouco frequente aparecer em mais de um. É elaborada geralmente utilizando-se a linguagem verbal e não verbal, porém há charges em que só a imagem é utilizada. A linguagem verbal apresenta-se em forma de título, legenda e, mais comumente, expressa a fala dos personagens. A linguagem não verbal responde pelas caricaturas e pela representação de símbolos na construção de cenários, retomando o contexto situacional.

Quase sempre a charge desfere críticas políticas e esportivas, e, esporadicamente, sociais. Mantém relação íntima com o tempo, pois, geralmente, aborda as notícias mais importantes do dia anterior à sua publicação. A charge tem a capacidade de condensar várias informações, mesmo provenientes de contextos extremamente diferentes, num processo de intertextualidade que ocorre na linguagem verbal e/ou nas imagens.

A charge é caracterizada por Silveira e Feltes (1997) como a apresentação de um fato com um toque de humor irônico, com grande dependência de informações, uso reduzido do código verbal aliado à imagem visual, tudo isso inserido num contexto marcado prioritariamente pela atualidade. Além do mais, a charge possui um caráter opinativo, o que a torna particularmente interpretativa, visto que há uma intenção informativa do autor a ser reconhecida como um ato de comunicação. Soma-se a isso o fato do texto não verbal possibilitar uma leitura em menos tempo do que o requerido pelo

texto convencional, o que torna a charge mais atraente e, portanto, um estímulo ostensivo para os leitores.

O chargista, por meio das imagens e do texto verbal, emprega o humor para mostrar o que está por trás dos fatos ou personagens representados. Dessa forma, o conteúdo difundido nesse gênero exprime muito mais uma opinião do enunciador do que uma informação. É necessário que uma interação entre leitor e autor do texto se efetive para que haja compreensão, dado que, ali se enfoca uma determinada realidade e apenas os conhcedores dessa realidade é que a compreenderão. Nas charges estão expostos fatos ocorridos numa determinada época, num dado contexto econômico, político, cultural e social, assim o seu entendimento depende do conhecimento desses fatores. O próprio jornal ou revista, em que são publicadas são os suportes para a sua compreensão. Quando isso não ocorre, o leitor terá que contar com certo conhecimento prévio para construir seu sentido. O leitor constrói o sentido estabelecendo inferências a partir da relação entre a imagem que vê e a retomada do fato a que ela alude. Para isso, o leitor deverá saber o fato que origina a charge e suas circunstâncias históricas, políticas, ideológicas e sociais. É importante salientar que a charge serve de estímulo à leitura de outros textos, ou seja, possibilita atividades dinâmicas, despertando o interesse do aluno pela leitura e pela busca de informações.

Para Romualdo (2000), a construção do sentido de um texto passa pela existência de outros textos, fazendo emergir vozes de enunciadores diferentes, o que caracteriza a linguagem humana como essencialmente polifônica. Nesse sentido é necessário levar em conta a intertextualidade no processo de leitura e ter em mente que o sentido de um texto se estabelece pela relação que ele mantém com outro texto.

Assim, ao apresentarmos a charge aos alunos como estratégia para leitura e apreensão de sentido, estamos conduzindo-os a realizar pesquisas, leituras e análises de outros textos, compreendendo, assim, a complexidade dialógica estabelecida com elas. Dessa forma, levamos esses sujeitos a instituir o sentido das enunciações nas relações dialógicas, tornando-os leitores competentes e críticos.

O trabalho com charges na escola, segundo Garcez e Garcia (2003, p. 91), pode ter como objetivos:

- atrair o aluno para uma leitura diversificada, proporcionando-lhe maiores pré-requisitos de visão de mundo e poder de interpretação, preparando-o para uma leitura inferenciada;
- praticar a leitura verbal e não-verbal, enfatizando o explícito e o implícito no texto;
- demonstrar que a charge não deve ser vista como um texto isolado, e sim como um texto cujo significado assenta-se nas suas intersecções com outras produções textuais, alargando-se a concepção de intertextualidade;
- mostrar que a charge informa e opina sobre um tema por meio da representação de um mundo “às avessas”, aguçando pela própria inversão de valores sociais que promove uma visão mais límpida da realidade, despertando, assim, o aluno para este tipo de leitura.

Assim, a charge será alvo de nossas análises, pela variedade de possibilidades de leitura que esse tipo de gênero discursivo apresenta em seu conteúdo semântico, que nos convida à reflexão pelo riso irônico.

Análise do Corpus

Nesta seção, faremos a análise de duas charges do cartunista Angeli, publicadas em épocas diferentes, no jornal *Folha de S. Paulo*, sobre o programa social Fome Zero. Na análise, apresentaremos, inicialmente, a contextualização sócio-histórica em que se deu a produção da charge, e depois faremos a leitura interpretativa dentre um repertório de interpretações possíveis.

Charge I

São Paulo, segunda-feira, 03 de fevereiro de 2003

FOLHA DE S.PAULO



Contextualização sócio-histórica da Charge I

Ao assumir a presidência da República do Brasil em primeiro de janeiro de 2003, Luís Inácio Lula da Silva foi categórico: sua grande e principal missão era eliminar a fome do país. Nascia, então, o programa *Fome Zero*. No seu discurso de posse, o presidente falou:

Enquanto houver um irmão brasileiro ou uma irmã brasileira passando fome, teremos motivo de sobra para nos cobrirmos de vergonha. Por isso, defini entre as prioridades de meu Governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de ‘Fome Zero’. Como disse em meu primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida.²

O ambicioso objetivo alcançou rápida aprovação do público e pegou carona na onda de popularidade que cercou Lula no seu primeiro mês de mandato. Porém, enquanto boa parte dos chargistas brasileiros gastava suas tintas para saudar a chegada do ex-

² Trecho do discurso de posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Disponível em: <http://www.sfic.org.br/artigos/temas/discurso_de_posse_do_presidente_Luiz_Inacio_Lula_da_Silva.htm>. Acesso em: 20 set. 2014.

operário e líder sindical à Presidência da República, Angeli publica a charge *A Alma do Negócio*, em 03 de fevereiro de 2003, um exemplo de que já farejava excesso de *marketing* e escassez de conteúdo no programa Fome Zero, o então carro-chefe do governo. Vale salientar que nesse mesmo dia seria lançado oficialmente o programa-piloto do projeto Fome Zero, na cidade de Guaribas no Piauí. Cidade escolhida por se encontrar em estado de emergência por causa da seca. Assim, a data era propícia à crítica ao programa social.

Possibilidade de Leitura da Charge I

Na charge I, nota-se o desenho de uma família pobre, numerosa, mal vestida, com perfil padrão para ser beneficiada pelo programa Fome Zero. No cenário, percebe-se que as moradias são precárias, falta coleta de lixo e falta saneamento básico. A família e um cachorro vira-lata encontram-se diante de uma casa, em um local de rara vegetação, onde provavelmente ocorre o fenômeno da seca. Na parte superior da casa, como também nas demais casas em volta, há um *outdoor* com a logomarca da campanha Fome Zero. Na logomarca não faltou a bandeira brasileira estilizada, recurso comum na publicidade política. A marca do programa é composta por um garfo e uma faca sobre um prato azul colocado em cima de uma mesa retangular verde com toalha amarela em formato de losango. Em baixo do desenho aparece a frase: “Fome Zero”.

Na parte verbal do texto, o título da charge “A alma do negócio” retoma a ideia já muito conhecida e repisada e que estamos acostumados a ouvir o tempo todo que a “propaganda é a alma do negócio”. Em outras palavras, o que se tem admitido corriqueiramente é que sem publicidade, nenhuma atividade pode prosperar.

Por outro lado, uma análise mais atenta da expressão pode nos conduzir a inúmeras inquietações próprias do nosso tempo. Nesse sentido, não deve ser absurdo pensar que o negócio devesse ter sido submetido a um processo de “humanização”, e não causar estranhamento falar que um negócio tenha alma. E essa alma, tal qual a humana, não é uma entidade concreta, mas abstrata, imaterial. Dessa forma, podemos fazer uma leitura de que o programa Fome Zero pode configurar-se apenas em um projeto ilusório, de difícil concretude. Essa desconfiança sobre a concretização do programa do governo também fica implícita quando o homem dirige-se à sua esposa dizendo: “Tenha calma, mulher! A propaganda eles já lançaram, agora só resta criarem o produto!”.

A maneira como a crítica é construída na charge analisada - tanto pelos recursos linguísticos, quanto pela composição da imagem - acaba por envolver o leitor de tal forma, que exige a participação efetiva dele no processo de leitura. Nesse compartilhamento, entre o chargista e o leitor, são produzidos os efeitos de sentido.

Charge II

São Paulo, terça-feira, 27 de junho de 2006 FOLHA DE S.PAULO



Contextualização sócio-histórica da Charge II

A charge II, assim como a charge I, tem como tema o programa Fome Zero. O interessante é que ela foi publicada três anos depois da charge I. Por que será que Angeli produziu essa charge?

Quanto ao conteúdo temático, temos outro momento contextual, as eleições de 2006. No dia 24 de junho de 2006, três dias antes da publicação da charge, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva se lança como candidato à reeleição. Na oficialização de sua candidatura, Lula falou:

Volto a ser candidato porque o Brasil, hoje, está melhor do que o Brasil que encontrei três anos e meio atrás, mas pode - e precisa - melhorar

muito mais. Volto a ser candidato porque os pobres estão menos pobres e poderão continuar melhorando de vida, caso sejam mantidos --e aprofundados-- os programas sociais que implantamos. [...] Volto a ser candidato porque demos às classes mais pobres um alto índice de crescimento de renda e de poder de consumo. E porque tenho a certeza de que podemos continuar reduzindo a desigualdade social que ainda é grande no nosso país.³

Assim, o presidente Lula se colocava mais uma vez como o homem que poderia resolver os problemas sociais brasileiros. Os bons resultados de programas criados para combater à pobreza, como o Bolsa-Família, principal instrumento do Fome Zero, foram decisivos para sua candidatura à reeleição.

Intertextualmente a charge II se relaciona com o lançamento da candidatura de Lula à reeleição, o qual prometia que no segundo mandato continuaria avançando na erradicação da fome e no combate à pobreza. Em um tom denunciante, o chargista está cobrando as promessas realizadas por Lula naquele primeiro de janeiro de 2003.

Possibilidade de Leitura da Charge II

Podemos dizer que Angeli, na produção da charge, estabeleceu uma relação dialógica entre a história de Moisés e a candidatura de Lula à reeleição. Ou seja, houve uma imbricação entre o texto bíblico, que traz a história de Moisés, e o retorno de Lula à presidência, prometendo erradicar a fome no Brasil. A charge II, então, se constitui em um texto onde o chargista Angeli, pelo processo da intertextualidade, entrecruza textos e discursos, que em um primeiro momento parecem impossíveis de entrecruzamento, atribuindo-lhes novos sentidos.

No aspecto não-verbal da charge, temos a caricatura de Lula representando o personagem bíblico *Moisés* e em sua volta o povo brasileiro representando o povo de Israel.

O indício que leva o leitor a identificar, na imagem, o Presidente Lula é a faixa verde-amarela (faixa presidencial) que envolve sua túnica, tipo de veste usada pelos

³ Trecho do discurso de candidatura à reeleição do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u79810.shtml>>. Acesso em: 27 set. 2014.

personagens bíblicos, e que por sua vez contribui para que o leitor identifique também na mesma imagem, o personagem bíblico Moisés.

Outro indício que leva a relacionar o presidente Lula a Moisés é o cajado que ele tem na mão. Da mesma forma que Moisés levava um cajado, dado por Deus, para conduzir os filhos de Israel à Canaã, Lula também leva um cajado para conduzir o povo brasileiro ao mundo das “quentinhas” e “cestas básicas”. O profeta Moisés foi escolhido por Deus para libertar o povo judeu da escravidão egípcia, e Lula, se fosse reeleito pelos brasileiros, teria a missão de guiá-los para um Brasil melhor, onde não houvesse fome. Essa foi mais uma estratégia que o chargista Angeli utilizou para assinalar a intertextualidade entre o texto bíblico e a charge. Notamos também que na imagem, Lula está em cima de uma montanha (Monte Sinai), igualmente a Moisés, apontando para “além do horizonte”, para a terra prometida, ou seja, para o mundo onde há comida para todos. Mas assim como Moisés, apenas Lula avista esse mundo concretamente.

Pela linguagem utilizada no texto: *Famintos e miseráveis, sigam-me! Eu os conduzirei a um mundo de “quentinhas” e “cestas básicas”!*, fica evidente a presença da voz da Escritura Sagrada. O chargista Angeli, através do processo polifônico, reformula o texto bíblico de forma excêntrica, deslocando o sentido bíblico e instaurando novos sentidos, novas possibilidades de leitura.

O título da charge “*Além do Horizonte*” nos remete à música de Roberto Carlos e Erasmo Carlos que tem o mesmo título. Na música, os autores dizem que “*Além do horizonte deve ter/ algum lugar bonito pra viver em paz*” (1º e 2º versos) e na charge, o lugar sem fome que Lula prometeu ao povo brasileiro denota um lugar muito longe de ser alcançado, configurando-se apenas numa expectativa de dias melhores. Tanto na música quanto na charge, a expressão “*além do horizonte*” assinala um lugar distante e incerto. O indício que faz o leitor perceber que a charge se refere ao programa Fome Zero são os termos “quentinhas” e “cestas básicas”, os quais, através do conhecimento prévio, conduzem o leitor ao projeto social mais comentado do governo.

Dessa forma, não há dúvidas de que Angeli trabalhou com um conjunto de textos e discursos que interagiram entre si e com o leitor para atingir o que foi intencionado pelo autor: construir uma imagem de descrédito de um projeto social que na época era um dos mais fortes argumentos para o retorno de Lula à presidência.

Considerações Finais

Mediante a análise do texto chárgeo, compreendemos que língua é ação, pois os chargistas agem ao apresentar seu ponto de vista sobre determinado assunto e ao estabelecer críticas. Eles não são meros produtores os quais esperam que o leitor leia passivamente seus textos. Na realidade, tanto o produtor quanto o leitor são interlocutores que interagem durante os processos de produção e de compreensão. Assim sendo, o sentido da charge não está pronto e acabado, mas é construído no momento da interação. Para tanto, todo o contexto enunciativo deve ser levado em consideração.

Podemos perceber também o significante papel da imagem como operador da memória discursiva, responsável pela recuperação de discursos que determinam os efeitos de sentido do texto. Desse modo, texto e imagem não podem ser separados em uma abordagem discursiva da charge, pois juntos constituem o rumo para a construção dos sentidos.

Com base no exposto, constatamos, portanto, a viabilidade e a importância de se utilizar a charge como subsídio para o ensino de leitura, uma vez que trabalhar esse gênero em sala de aula é dar ao aluno a possibilidade de adentrar em outros universos, conhecer outros discursos, discutir sua realidade e ter novas maneiras de expressar sua opinião sobre o que está acontecendo ao seu redor.

A charge, pela sua característica humorística, desperta um interesse maior por parte dos alunos que, ao estudá-la, alargarão sua visão crítica sobre o assunto que a charge aborda e, ao mesmo tempo, estarão agindo com a linguagem de forma geral.

Referências

- BAKHTIN, M., (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, [1929]1988.
- _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- _____. *Problemas da poética de Dostoievski*. 2 ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BRAGGIO, S. L. B. *Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista a socio-psicolinguística*. Porto alegre: Artes Médicas, 1992. 102p.

CAVALCANTI, M. C. C. *Multimodalidade e argumentação na charge*. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

GARCEZ, E. T. F., GARCIA, N. B. S. *O texto chárigo: um instrumento estimulador da leitura na escola*. AKRÓPOLIS - Revista de Ciências Humanas da UNIPAR, v. 11, n. 2, abr./jun., Umuarama, 2003.

KATO, M. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1985.

KLEIMAN, Ângela, B. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 6 ed. Campinas: Pontes, UNICAMP, 1998. 102p.

_____. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

RABAÇA, C. A., BARBOSA, G. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

ROCCO, M. T. F. *A importância da leitura na sociedade contemporânea e o papel da escola nesse contexto*. Série Idéias, n. 13. Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, 1994.

ROMUALDO, E. C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo*. Maringá- PR: EDUEM, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º grau e 2º graus*. 3 ed. S. Paulo: Cortez, 1997. 245p.

SILVEIRA, J. R. C.; FELTES, H. P. M. *Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

THE DIALOGICAL PERSPECTIVE IN THE CONSTRUCTION OF MEANING IN CHARGES READING

ABSTRACT

This work will approach the reading and their relationships with the knowledge construction, analyzing the overlap between the visual and verbal charges selected in the newspaper Folha de S. Paulo, aiming to contribute with the teaching of reading as social practice. As conception of language, we adopt the dialogical perspective, represented for Bakhtin and his Circle, that the language considers as an interactive process, social, historical and dialogical. As result, we evidence the viability and the importance of using the charge as a subsidy for the teaching of

reading because it allows the student to enter other universes, to know other discourses, discuss their reality and have new ways to express your opinion.

Keywords: charge, reading, dialogism.

Recebido em 29/04/2015.

Aprovado em 30/06/2015.